

VIVÊNCIAS INFANTIS SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM FAMÍLIA

Resultados de pesquisas concluídas

GT 22- Sociologia da Infância e da Juventude

Adriana Aparecida de Souza - José Willington Germano

RESUMO:

Esta comunicação aprende as práticas disciplinadoras que consideram o castigo físico como meio de educar e obter a obediência das crianças e muitas vezes culminam na violência física. Procuramos apreender como as 115 crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, de escolas municipais da cidade de Natal do Estado do Rio Grande do Norte, percebem os castigos aplicados a elas como forma de educar, no ambiente familiar. Compreendemos que, o desenho é uma forma de expressão e representação da realidade das crianças, sendo assim, podemos reconhecê-lo como o resultado de uma atividade intencional, envolvendo aspectos cognitivos e emotivos no ajuste da realidade que as rodeiam.

PALAVRAS-CHAVE: Violência intrafamiliar. Crianças. Desenhos infantis.

VIVENCIAS INFANTILES ACERCA DE LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS EN LA FAMILIA

Adriana Aparecida de Souza – UFRN/BRASIL

José Willington Germano – UFRN/BRASIL

RESUMO

Esta comunicación aprende las prácticas disciplinarias que consideran el castigo físico como medio para educar y obtener la obediencia de los niños y, a muchas veces culmina en violencia física. Buscamos aprender cómo 115 niños de 1º a 5º año de la educación básica, de escuelas de la ciudad de Natal, en el estado de Rio Grande do Norte, perciben los castigos aplicados a ellos como una forma de educar en el ambiente familiar. Entendemos que el diseño es una forma de expresión y representación de la realidad de los niños, por lo tanto, podemos reconocerlo como el resultado de una actividad intencional, que implica aspectos cognitivos y emocionales de la realidad que les rodea.

Palabras clave: violencia familiar. Niños. Dibujos infantiles..

INTRODUÇÃO

Este artigo visa a refletir sobre as práticas disciplinadoras que consideram o castigo como meio de educar e que muitas vezes culminam na violência física. Procuramos assim, apreender como as crianças entre o 1º e o 5º ano do Ensino Fundamental I, de escolas municipais da cidade de Natal, percebem os castigos aplicados a elas como forma de educar.

Entendemos que o desenho infantil é uma adequada ferramenta para auxiliar o pesquisador, pois possibilita também diagnosticar situações de convivência familiar, desde uma harmonia até problemas como a violência intrafamiliar. Assim, buscamos através das representações dos desenhos,

os fatos possíveis de serem apreendidos. Procuramos desenvolver uma atividade para a pesquisa de campo com a elaboração, no ambiente escolar de desenhos que retratassem a relação da criança com a família.

Nossa pesquisa remete, a uma análise dos desenhos das crianças como uma forma de, através deles, apreendermos a percepção das crianças sobre as práticas educativas. Desse modo, já podemos perceber que das 110 crianças (sujeitos da pesquisa) que mostram em seus desenhos suas relações educativas no espaço familiar, 39,4% alegam que são punidas através do bater; 80% ficam sob a responsabilidade dos pais e/ou de suas mães. Consideramos, portanto, que quase a metade dos pais, ainda utiliza com maior ênfase, a punição física, nas suas práticas educativas, ou seja, na relação educativa com seus filhos.

DESENVOLVIMENTO

Procuramos apreender como crianças, alunas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de 5 escolas municipais da cidade de Natal, percebem os castigos aplicados à elas como forma de educar. Buscamos encontrar tal forma educativa expressa através de desenhos feitos pelas próprias crianças em atividades direcionadas na pesquisa.

Participaram da pesquisa 115 crianças, que se encontram entre 6 e 13 anos de idade. Procuramos apreender essa realidade através de desenhos nos apoiando em Luquet (1979) que reflete acerca do estágio de desenvolvimento das crianças, enfatizando sua expressão pelo desenho nessa faixa etária. Destacamos os desenhos embasados em autores como Vigotsky (1991); e Renso, Castelbianco e Vichi, (1997) que afirmam ser o desenho uma das formas de expressão da realidade pela criança. Salientamos que os desenhos são identificados por nomes fictícios.

Nessa perspectiva, nosso diálogo se dará pela visão da criança sobre seu processo educativo no âmbito familiar, expresso através de desenhos guiado pela seguinte questão: O que acontece quando fazem algo errado? Esta foi analisada à luz de autores tais como: Di Leo (1985) que contribuiu com a discussão da interpretação dos desenhos. Neste capítulo, dialogamos tendo como subsídios dados estatísticos, do SOS CRIANÇA do RN que demonstra a situação atual da criança na cidade de Natal/RN. Estes foram comparados aos dados qualitativos inerentes aos desenhos das crianças pesquisadas, nos fundamentando em autores como: Caldeira (2000), Maldonado e Williams, (2005) e Cyrulnik (2004, 2007), que nos ajudam a apreender a realidade da educação familiar das crianças pesquisadas a partir das informações obtidas nos desenhos e nas falas das crianças.

Compreendemos que, o desenho é uma forma de expressão das crianças e são muitos os autores que ressaltam o desenho infantil como modo de expressão e representação da realidade que as cercam, mas também, é uma das formas pela qual as crianças expressam aspectos cognitivos e emotivos internalizados em suas vivências. (RENZO, CASTELBIANCO e VICHI, 1997).

A escolha da faixa etária das crianças pesquisadas partiu do questionamento: qual a faixa etária das crianças que são as maiores vítimas de agressão dentro do lar? Nas pesquisas realizadas por Guerra (1998) e Souza (2009) a violência intrafamiliar ocorre em maior grau sobre indivíduos em formação, atingindo, principalmente, crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. Sendo assim, com a preocupação de não conseguirmos resultados com crianças nessa faixa etária, decidimos por investigar crianças de 6 a 13 anos. Isso porque, nessa faixa, teríamos a possibilidade delas conseguirem produzir informações ou símbolos importantes através de seus traçados que nos permitiriam a identificação dos sinais necessários para análise. Para isso, nos amparamos no que discute Luquet (1979) ao afirmar que as crianças entre 1 e 5 anos não dominam sua expressão, de modo que, poderiam não fornecer a representação de sua realidade com fidelidade, pois há a possibilidade delas não conseguirem produzir informações ou símbolos importantes através de seus traçados, dificultando a identificação dos sinais necessários para análise da realidade que se quer compreender. Assim, preferimos seguir a ideia de Di

Leo (1985) que afirma que as crianças em idade escolar, possuem consistência entre a produção gráfica e a palavra falada. Desse modo, a escolha com base em trabalhos já realizados nos tranquilizou quanto à análise dos desenhos tendo em vista que esses são espaços de expressão de sutilezas do intelecto, da afetividade e das relações com as quais as crianças se envolvem no cotidiano. Logo, optamos por desenvolver esta pesquisa com crianças de diferentes idades entre 6 e 13 anos para percebermos como as relações familiares vinculadas à forma de educar são por elas representadas através do desenho.

Esses desenhos das crianças nos permitiram apreender um pouco da dinâmica do processo de seu convívio familiar, bem como, a forma como é conduzido seu processo educativo familiar.

Ao iniciarmos a pesquisa com as crianças nos apresentamos contando que gostaríamos de conhecer como elas vivem e se relacionam com suas famílias, e que, para isso precisávamos que desenhassem o que acontece quando elas fazem algo de errado. As expressões das crianças foram de entusiasmo, pois gostaram da ideia de desenhar, e se sentiram a vontade para tal feito. Ao todo conseguimos 103 desenhos.

As figuras foram tabuladas por tipo de punição representada pelas crianças, e os instrumentos utilizados nessa punição. O fato de 12 crianças que representam 10,5% não quererem desenhar em meio ao grupo, em que todos estavam desenhando nos remete a um possível bloqueio, ou como diria Cyrulnik (2004) um sofrimento.

Assim também ratifica Mèredieu (2006) a composição familiar, a ordem de aparecimento e a estrutura dos personagens podem ensinar muito sobre conflitos entre os membros. Desse modo, as atividades realizadas com as crianças tinham o intuito de perceber a existência de conflitos, ou a própria violência intrafamiliar através dos desenhos que simbolizassem esse fenômeno.

FAMÍLIA, VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR E SUAS PROJEÇÕES NO DESENHO INFANTIL

Di Leo (1985) admite que os fatores familiares, culturais e sociais podem ser modificados e tornados favoráveis, à prevenção de desordens psicológicas e suas manifestações comportamentais serão correspondentemente efetivas. Ele acredita que os conflitos na família implicam em muita desadaptação e infelicidade nos seres em formação - as crianças.

As práticas educativas envolvem também todo um processo de controle. Assim, a punição corretiva e disciplinar é entendida como um *habitus* como diria Bourdieu (1996) que inculca valores que estão relacionados à capacidade estrutural que organiza a prática cotidiana nas relações familiares e nas representações que os indivíduos fazem das coisas com as quais interagem, entre as quais as relações entre pais e filhos. E é a partir desse pensamento que procuramos perceber o que acontece quando as crianças no âmbito familiar não obedecem, ou fazem coisas “erradas”?

A seguir, tratamos da prática educativa punitiva infligida contra crianças e suas especificidades. Esta tem uma singular diferença em relação às demais por estar intrinsecamente ligada ao processo de socialização, construído ao longo da história humana na família.

A família é o primeiro espaço social da criança e a violência intrafamiliaré aquela que se expressa no convívio familiar. Essa envolve violência psicológica, caracterizada pela interferência do adulto, que produz um padrão de comportamento destrutivo, no caso em pauta, contra a criança. Outro tipo de violência presente nesse âmbito é a negligência, ou seja, o abandono, que se caracteriza pela ausência dos pais ou responsáveis pela criança. O abuso sexual é também um tipo de violência praticada no espaço intrafamiliar, entendido por todo ato sexual, no qual o adulto em situação de poder obriga a criança à realização de práticas sexuais, tendo por finalidade obter uma estimulação sexual. Os maus-tratos que envolvem danos físicos leves como o beliscão, bem como, a negação dos direitos fundamentais para o desenvolvimento das crianças, e por fim, a violência física é a forma de ocorrência mais comum nesse contexto e se caracteriza pelo uso da força para provocar dor ou lesão corporal na criança.

E com relação a situação na cidade de Natal no Rio Grande do Norte os dados estatísticos sobre a violência intrafamiliar contra crianças informam que, cerca de 1.910 do total de 2.845 em 2010, desses casos apontam que o número maior de agressões foi sofrido por crianças entre 0 a 11 anos de idade. Sendo assim, podemos afirmar que em Natal as crianças costumam ser vítimas “privilegiadas”, por serem hierarquicamente mais frágeis, bem como dependentes, no âmbito familiar. Em nossos estudos observamos que esta violência ocorre em maior grau sobre os indivíduos em formação, atingindo, principalmente, as crianças entre 0 e 6 anos. São elas as que sofrem mais com o fenômeno da violência doméstica (GUERRA, 1998).

Os desenhos sobre “o que acontece quando desobedecem” são de 103 das 115 crianças sujeitos da pesquisa as quais estão na faixa etária de 6 aos 13 anos de idade, como exposto no gráfico a seguir:



GRAFICO 01: Número de alunos por série e idade.

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Os alunos que participaram da pesquisa tem idades entre 6 e 13 anos. Esta faixa etária condiz com a representada nos dados estatísticos do SOS Criança. Isto é, estão no grupo etário que sofre maior índice de agressões na Região Metropolitana de Natal, que destaca cerca de 76% dos casos constatados em 2010. Conforme os tipos de violência caracterizados na literatura, teríamos o seguinte: foram predominantes, desse total 35,1% de violência física. As vivências dos alunos destacavam suas relações com seus cuidadores na prática da punição física. Esta prática de bater, beliscar, entre outras violências físicas, é considerada violência direta.

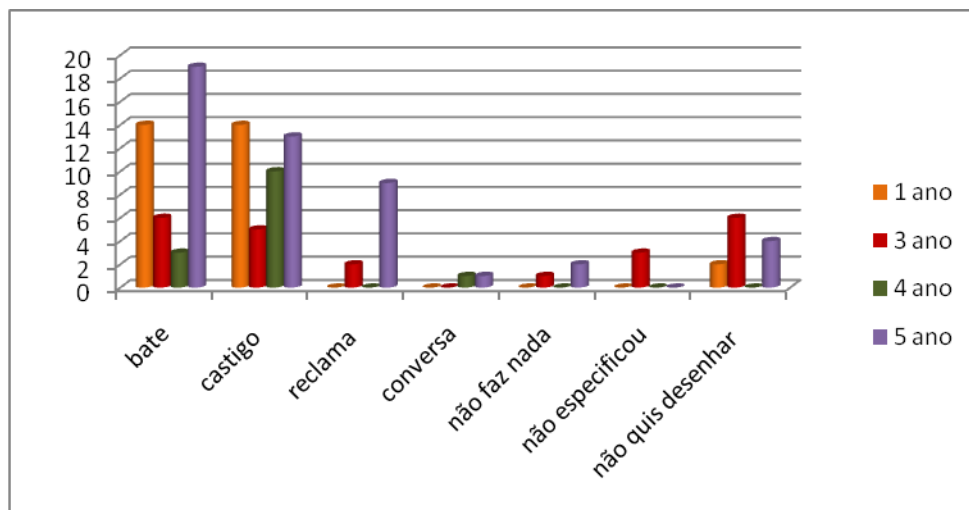


GRAFICO 02: Práticas punitivas representadas pelas crianças nos desenhos

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Perguntamos às crianças pesquisadas o que acontece quando fazem coisas erradas, e pedimos para que elas desenhassem o que acontecia. Nos desenhos representados podemos perceber as seguintes ações:

- 34,6% alegam que apanham;
- 32,7% ficam de castigo (sem o que gostam, sentadas numa cadeira, e outros);
- 12,7% alegam que os pais apenas reclamam;
- 4,5% alegaram que não fazem nada ou não especificaram o tipo de castigo; e
- 15,5% não quiseram fazer o desenho referente ao que acontece quando fazem coisas erradas;

A prática do bater mostrada nos desenhos segue coerente com os dados apresentados pelo SOS Criança da cidade de Natal e grande Natal. Outra coerência é com relação ao responsável pela punição como podemos perceber no gráfico 3

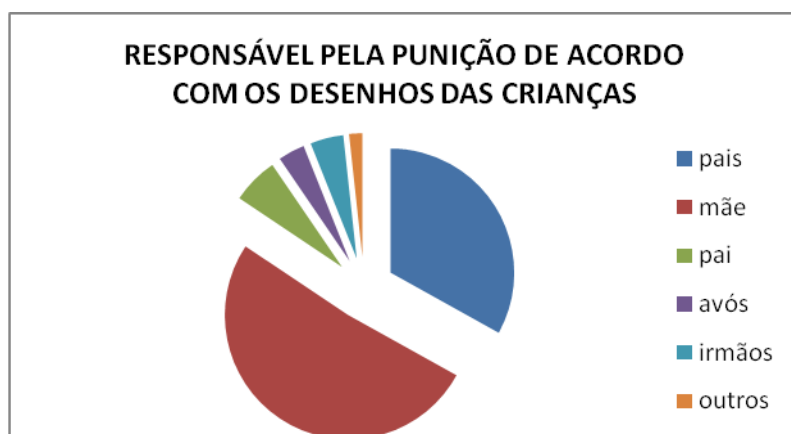


GRAFICO 03: Responsável pela punição de acordo com os desenhos das crianças

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Este gráfico nos chama a atenção à concentração das práticas punitivas de acordo com os alunos, pois são as mães e ratifica os observados na literatura sobre responsáveis pela agressão que aponta o número mais expressivo para as mães (GUERRA, 1998; SOUZA, 2009). E para termos uma visão melhor da representação da prática da punição e seus responsáveis apresentadas pelas crianças, fizemos uma comparação entre a mostrada nos desenhos das crianças e os dados do SOS Criança do RN destacado no quadro a seguir:

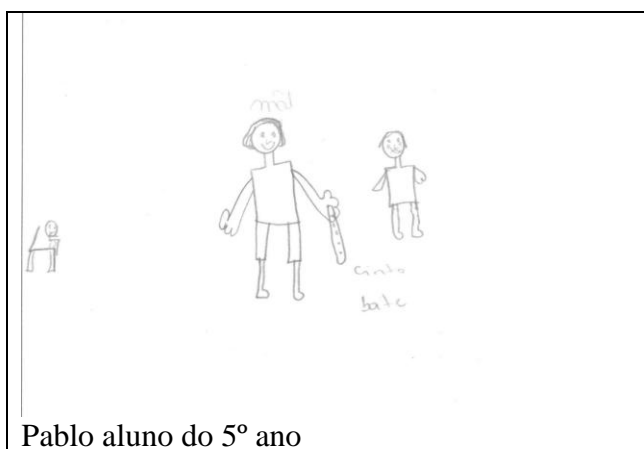
RESPONSÁVEL PELA PUNIÇÃO EM NÚMEROS E PORCENTAGEM DOS DESENHOS DAS CRIANÇAS E DADOS DO SOS CRIANÇA DE NATAL					
RESPONSÁVEL PELA PUNIÇÃO	DESENHO DAS CRIANÇAS	TOTAL %	SOS CRIANÇA*	TOTAL %	
PAIS	38	33,4	379	15,2	
MÃE	59	51,3	1562	62,8	
PAI	7	6	328	13,3	
AVÓS	4	3,4	216	8,7	
IRMÃOS	5	4,3			
OUTROS	2	1,6			
TOTAL	115	100	2485	100	

QUADRO 1: Responsável pela punição em números e porcentagem dos desenhos das crianças e do SOS criança de natal ano de 2010 a 2013.

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

* Obs: Outros representam avós, irmãos etc.

Neste quadro podemos notar que estatisticamente são similares os resultados apresentados nos desenhos das crianças e a realidade apresentada pelo SOS Criança, o qual confirma a incidência maior praticada pela figura mãe. Talvez esta realidade se justifique na responsabilidade social sobre o cuidar a qual a mãe é sujeita, e por fazer parte da função social desta personagem que tem atribuições de ser carinhosa, e cuidar para desenvolver de forma satisfatória sua prole. Ressaltamos, ainda que de outro lado, tem que ser severa quando acha necessário, isto é, quando precisa corrigir comportamentos que não seguem às regras sociais. Realidade esta notada nos desenhos como exposto no desenho de Pablo:



Pablo aluno do 5º ano

Figura 01: Quando desobedece

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Esta figura destaca a punição que marca o corpo de Pablo. Seu rosto reflete a dor que sentiu. Realidade vivida por 42 personagens da pesquisa, número significativo, representando percentualmente 34,6% dos desenhos. Configura assim, uma prática corriqueira como meio de corrigir os atos das crianças considerados errados pelos pais. Prática esta já referenciada por Caldeira (2000) quando afirma que a sociedade brasileira cultua a punição física como algo necessário na relação entre o punido e o punidor. Como esta realidade se reflete no ambiente escolar?

As educadoras que participaram da pesquisa enfatizaram comportamentos agressivos entre os seus alunos, talvez esse seja um indicio de que a violência infligida em casa apresenta-se na escola, não apenas nas marcas do corpo das crianças, mas também pela agressividade em sala de aula, observando-se a quantidade significativa de crianças que são educadas de forma punitiva e o que teoriza cyrulnik (2004) os sujeitos que vivenciam contextos de violência produzem estratégias para desviarem desta, mas também implica sofrimento para este indivíduo. Será a agressividade ações decorrente destas estratégias?

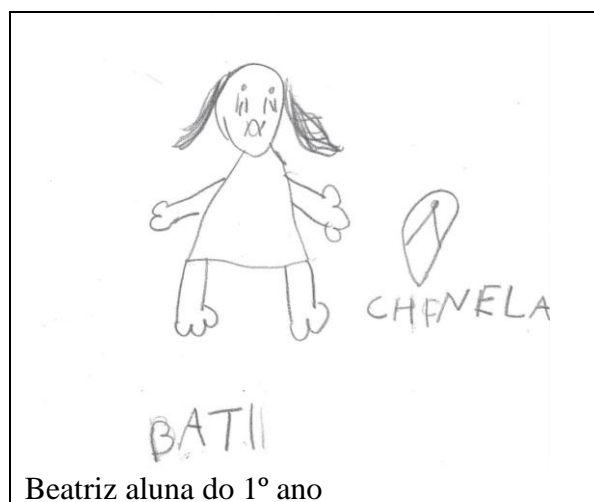


Figura 02: **Quando desobedece**

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

As crianças representaram essas práticas punitivas nos desenhos, mas também nas falas com certa naturalidade, como se fosse algo corriqueiro. Uma das crianças que participou da pesquisa ao ser perguntada o que achava sobre o bater argumentou: “eu não gosto, mas eu fico teimando...”. Essa fala nos remete a naturalização da prática, as crianças realmente acreditam que são necessárias e justificáveis em caso de correção. Seguindo as ideias de Bourdieu (1994) estas fazem parte de um esquema de valores inculcados na nossa socialização, que incluem estruturas que conformam como já explicitado práticas, gostos, atitudes e valores, que dizem respeito a um grupo ou classe social. Essas práticas punitivas ganham vida nos instrumentos utilizados para a prática. Como exposto no gráfico a seguir:

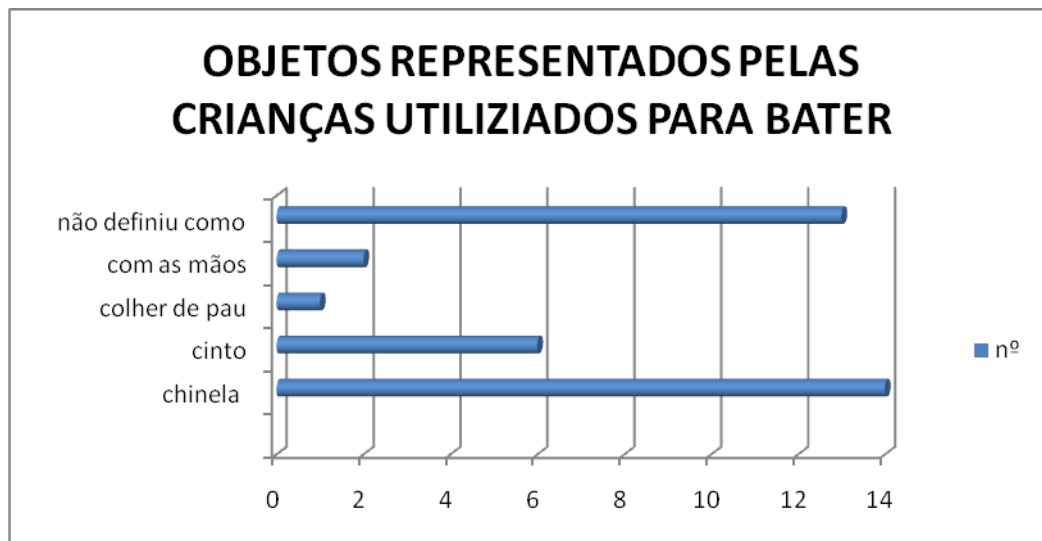


GRÁFICO: 04Objetos utilizados para bater

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

De acordo com esse gráfico os utensílios usados na prática punitiva revelada nos desenhos das crianças são chinela, colher de pau, cinto, cipó representados pelo quadro abaixo:

OS INSTRUMENTOS REPRESENTADOS NOS DESENHOS DAS CRIANÇAS			
CHINEL0	COLHER DE PAU	CINTO	CIPÓ

QUADRO 2: Os instrumentos utilizados para punir representados pelas crianças.

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Os castigos impetrados às crianças, manifestos de forma física tem como instrumentos:

- a) O chinelo é um tipo de calçado feito de borracha, PVC, couro, palha, tecido ou outro material. Possui o formato aproximado do contorno de cada um dos pés;
- b) A colher é um utensílio culinário utilizado pela civilização ocidental moderna na alimentação, para a degustação de cremes e sopas e também tem importantes funções na cozinha;
- c) O Cinto é um artigo de moda, que consiste numa tira flexível, geralmente feita de couro ou de tecido resistente, que envolve a cintura, e é usado para segurar as calças ou, simplesmente, como adorno do vestuário; e
- d) Cipó nome genérico de todas as plantas de hastes finas e flexíveis.

Estes instrumentos podem causar de danos físicos leves a danos graves, quando são utilizados na educação destes alunos regrada pela punição corporal em que tem no corpo o lugar de inflição de dor aos que fogem das regras sociais estabelecidas, e no caso das crianças que estão em processo de apreensão das regras sociais, pois são seres humanos em formação.

São expressos nos desenhos de Gabriele e Daniel esses instrumentos.

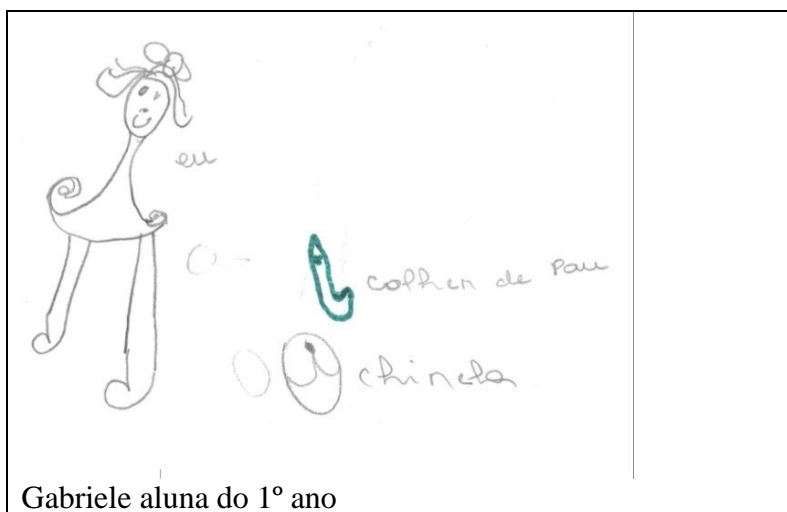
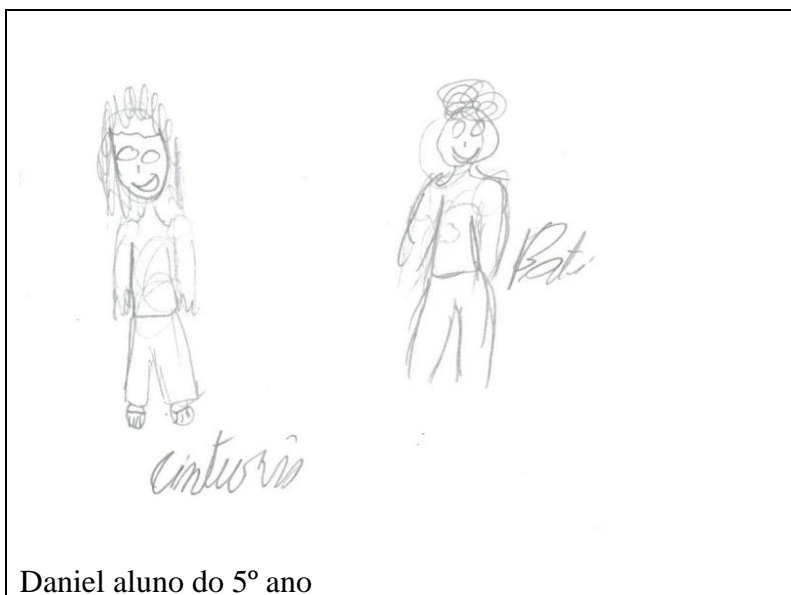


Figura 03: **Quando desobedece**

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.



Daniel aluno do 5º ano

Figura 04: **Quando desobedece**

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Os desenhos das crianças mostram não apenas os objetos com os quais eram castigadas, mas também expressões de dor. As marcas não só na pele das crianças, mas na sua subjetividade como salienta Cyrulnik (2004) que enfatiza que o sofrimento vivido por crianças deixam gravados na mente sentimentos que podem prejudicar o desenvolvimento emocional, psíquico e físico das crianças, como mostrado na figura 05.



Júlio Aluno do 3º

Figura 05: **Quando desobedece**

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Nessas figuras as crianças representaram seus sentimentos de dor com certa veracidade na sua percepção sobre a vivência no ambiente familiar, corroborando o que diz Luquet (1979). Dor esta como forma mais aceita e legitimada pela sociedade como necessária na socialização e disciplinamento de crianças. Caminhos para educar e civilizar os sujeitos, assim, vem construindo ao longo do processo histórico seu alicerce pautado na força como critério para formar indivíduos civilizados.

Para Cyrulnik (2004) a violência sofrida nessa fase da vida marca as crianças. Acreditamos que, essas marcas não estão apenas no corpo das crianças, mas também nas imagens mentais tão bem representadas. Em algumas atitudes que percebemos durante a aplicação das atividades com as crianças ao longo da pesquisa, expressadas na timidez, no não querer desenhar, na desconfiança ao dizer que não quer desenhar. Essa prática disciplinadora representada pelas crianças apareceu como algo do cotidiano, relatadas de uma forma “natural” para algumas crianças ao explicarem o desenho. Como a afirmação de uma criança do 1º ano ao dizer o que acontecia quando fazia algo errado: “ah eu apanho de colher de pau, chinela...” Além do bater os desenhos mostraram castigos variados, tais como os mostrado no gráfico:

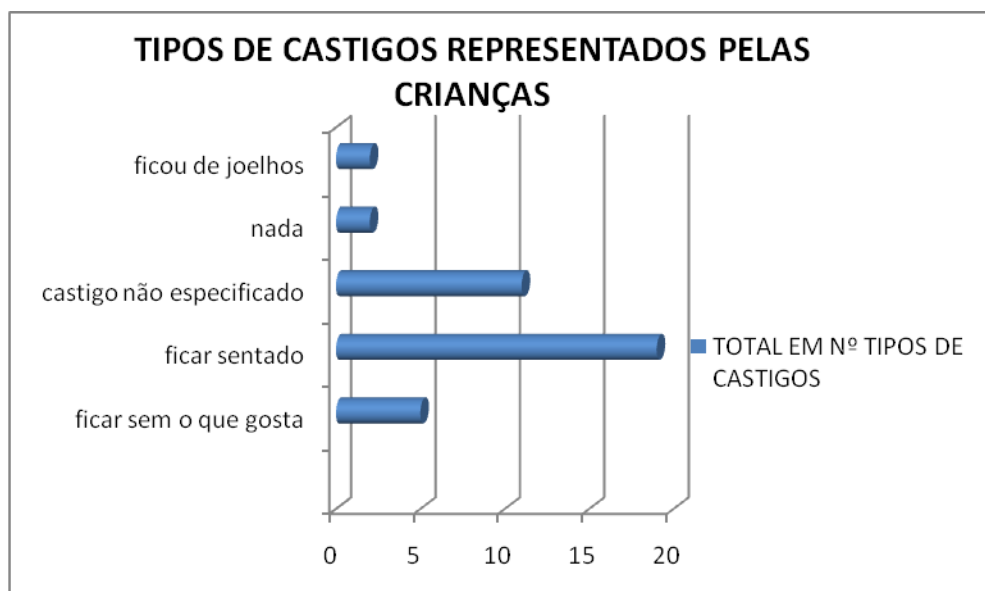


GRÁFICO 05 Tipos de castigos representados nos desenhos

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

De acordo com os dados retirados dos 42 desenhos que expressaram o castigo com o resultado do que acontecia quando faziam algo errado, podemos dizer que, 20 crianças fizeram representações de figuras sentadas em uma cadeira, ou deitadas numa cama, ou rede; cerca de 2 crianças desenharam figuras ajoelhadas, 10 crianças não especificaram o tipo de castigo que sofriam, e apenas 5 crianças alegaram que o castigo é ficar sem o que gostam como: jogar vídeo game, brincar com os colegas, sem assistir desenhos na TV e não surfar.



Figura: 06 **Quando desobedece**

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Estes castigos eram praticados no período colonial realizado por mestres e por pais, consistia em ordenar que a criança a ser punida se ajoelhasse sobre grãos de milho cru, produzindo dor intensa. Ao questionarmos as crianças que desenharam sua figura de joelhos como exposto na figura 06, sobre se ficavam nessa posição, a criança confirmou que ficava assim mesmo. O fato de a criança desenhar essa situação nos permite dizer que talvez essa criança esteja sofrendo castigos severos, vale ressaltar que o desenho foi feito no canto da folha como já referido por Di Leo (1985) que nos remete a insegurança, a baixa autoestima, logo ao sofrimento.



Figura 07: **Quando desobedece**

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Os castigos mais comuns foram representados como na figura 07 a criança sentada numa cadeira. Dos 103 desenhos representados pelas crianças 35 foram feitos nos cantos da folha fornecida, e 5 desenhos que relataram que retiravam algo que a criança gostava foram feitos no centro da folha. Talvez essa forma de castigo venha a enfatizar o que Zagury (2001) argumenta que a criança necessita de limites, mas este não precisa ser com o uso da força física. E o fato dos desenhos serem feitos no centro da folha nos possibilita dizer que as crianças não sentiram o castigo de forma negativa. E apenas 3 alunos usaram a expressão conversa, isto é, das 103 crianças que fizeram esta atividade apenas 3 delas afirmaram que os pais conversam.

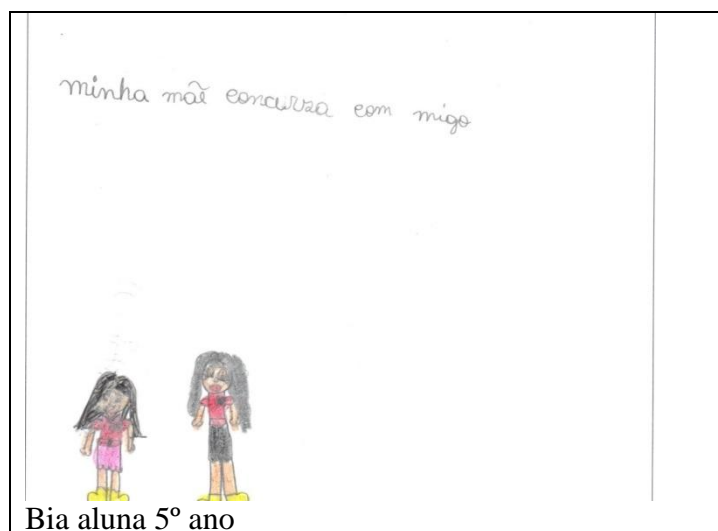


Figura: 11 Quando desobedece

FONTE: Souza (2013) Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2013.

Esta realidade expressa no desenho vai ao encontro das ideias do novo pensamento sobre educar crianças, que envolve limites através do diálogo, e não apenas com o uso da força física. Também nos propõe que embora a punição corporal ainda ganhe destaque na prática educativa dos pais destes alunos, outro tipo de limite também é utilizado como os castigos, bem como o diálogo, o desenho de Bia bem colorido, pressupõe uma relação saudável que tem com sua família.

Das 103 crianças que desenharam o que acontece quando desobedecem 3 afirmaram que não acontecia nada com elas. Entretanto, uma das crianças se mostrou com muita timidez ao dizer “nada”. Essa atitude talvez nos remeta a incomodo, sofrimento, com relação ao o que ocorre quando as crianças desobedecem, pois de acordo com Di Leo (1985) e Cyrulnik (2004) as relações de violência vivenciadas pelas crianças causam sentimentos como medo, timidez, insegurança. Como notado na pesquisa ao questionar a criança sobre o que ocorria.

Outro ponto que nos chamou atenção foi que 12 crianças que participaram da pesquisa se recusaram a desenhar o que acontecia, e algumas ficaram desconfiadas, desconfortáveis. Talvez seja indício de problemas familiares que já impliquem algum tipo de transtorno por causa de violência intrafamiliar. Indo ao encontro da pesquisa realizada por Di Leo (1985) quando diz que a resistência para desenhar a família tem sido notada em crianças cuja vida no lar é caracterizada por tumulto e violência, e que essas adquiriram uma imagem intensamente negativa da família.

Dos 103 desenhos que representavam “o que acontece quando desobedecem” 54, ou 52,5% mostraram figuras humanas que são minúsculas, repetitivas e estereotipadas, tanto que é difícil distinguir uma da outra. Nesses casos houve a necessidade de perguntar quem era cada um dos personagens desenhado. Vinte e um desenhos mostram os membros da família na parte de baixo da folha. Há uma preponderância de figuras de pauzinhos nos desenhos e bem pequenos. Essa realidade foi percebida também na pesquisa de Di Leo (1985) que argumenta que tal redução no tamanho e o empobrecimento das figuras são largamente interpretados como expressões de insegurança.

Desse modo, podemos argumentar que a metade das crianças pesquisadas mostraram indícios de problemas familiares, algo que nos alerta para um número bastante expressivo 36% das punições são físicas, sendo assim, necessário um olhar mais sensibilizado para a questão no âmbito escolar. Acreditamos que, faz-se necessário um olhar de reflexão neste universo para pensarmos estratégias de ação que visem de fato a construção de práticas pedagógicas que possibilitem a ressignificação do sofrimento, dos sentimentos que causa baixa autoestima, nas crianças. Logo construam relações de sociabilidade baseadas em relações de amor e afeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças através dos desenhos representaram suas famílias e contaram suas experiências sobre as práticas punitivas vividas no âmbito familiar. Assim, significaram sua visão do fenômeno como narrativas do cotidiano familiar, lugar onde as trocas subjetivas e objetivas se dão entre os membros da família.

O relacionamento da criança com seus familiares foram representados em seus desenhos que deram significado aos seus sentimentos, pois estes muitas vezes, não são verbalizados. O carinho recebido nas relações familiares ou a falta destes foi mostrado de maneira clara e emocionante.

As crianças pesquisadas mostraram em seus desenhos as práticas punitivas (desenhos de sandálias, cipó, cinto e colher de pau apareceram como objetos de punição) presentes na educação por

elas recebida. Os desenhos em que as crianças expressaram essa prática nos confirma que ainda vive no seio da sociedade brasileira, e especificamente na cidade de Natal a configuração de práticas punitivas como meio de conquistar a obediência das crianças, tendo como fim punir o corpo do sujeito transgressor, enfatizando que a educação é imposta pela dor, resquícios de uma educação disciplinar que tem suas raízes no Brasil colonial, fruto da educação Jesuítica, esta que valoriza a obediência, a disciplina, e a conquista pela força. Contrárias à nova percepção sobre educar que enfatiza o diálogo, a criatividade e o afeto.

Em alguns desenhos o personagem educador familiar apareceu enorme, subjulgando os pequenos, impondo sua autoridade, sua força (física e moral) coercitiva, para conseguir obediência nos dizendo pelo traçado que tamanho é sinônimo de força, pensamento característico da infância. Esta obediência é conquistada pelo medo, pelo autoritarismo, contrário ao diálogo.

A história da educação de crianças informa que esta se fez através de punições e que apesar das sociedades terem se desenvolvido em várias dimensões, entre estas a educativa, pode ser constatada à ênfase da educação impositiva desde o nascimento das crianças. Isto pode ser verificado quando se impõe práticas educativas com o uso da força e do medo. Estas experiências podem trazer também a face mais perversa desta história no Brasil que mostra que temos dezenove mil crianças e adolescentes retirados de suas famílias por força judicial, pois se considerou que as relações familiares às quais eram submetidas eram inapropriadas para a sua saúde mental, física e socioemocional.

Por fim acreditamos que as práticas punitivas trazem dificuldades à infância, entre elas o enfrentamento diante da própria violência intrafamiliar, que pode marcar a criança para a vida toda, pois reafirmamos que essa violência nega o direito das crianças à liberdade e ao respeito, aprisionando a sua vontade e transformando-as em coisas ao submetê-las ao poder irrefletido do adulto, mesmo que no âmbito familiar. Os estudos acerca do tema ratificam que tais práticas influenciam negativamente o desenvolvimento das crianças, pois acarretaram baixa autoestima, bem como, comportamentos agressivos no ambiente escolar, configurando assim, danos, emocionais e sociais.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, Pierre. (1996) *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus.
- Caldeira, Teresa P. do R. (2000). *Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/ Edusp.
- Cyrułnik, Boris. (2004). *Os patinhos feios*. São Paulo: WMF; Martins Fontes.
- Di Leo, Joseph H. (1985). *A interpretação do desenho infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Guerra, V. N. de Azevedo. (1998). *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. 3ª ed., São Paulo, Cortez.
- Luquet, G. H. (1979). *O desenho infantil*. Trad. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização.
- Maldonado, Daniela P. A.; Williams, Lúcia C. de A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia e Estudos*. Vol. 10, n. 03, Maringá, set/dez.
- Mèredieu, Florence de. (2006). *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix.

- Renzo, Castelbianco e Vichi, (1997). *IL pensiero grafico*. In: DiRenzo, M.; Castelbianco, F.B. *I luoghi del mondo infantile*. Roma: EdizioneScientificheMagi.
- Souza, Adriana A. de. (2009). Os anjos podem ferir: um estudo sobre a violência intrafamiliar. *Dissertação*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 107 f.
- Souza, Adriana A. de. (2013). *Pesquisa Violência Intrafamiliar e suas consequências para a aprendizagem das crianças*, financiada pelo CNPq realizada entre novembro de 2009 a maio de 2011.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Zagury, Tânia. (2001). *Limites Sem traumas*. Rio de Janeiro: Record.